



O Dialogo Interamericano

9 de fevereiro de 2003

General James T. Hill, Comandante do Comando Sul dos EUA

Artigo baseado na apresentação feita pelo General Hill, comandante do Comando Sul dos EUA, aos membros do Conselho das Américas, em Nova York, 9 de janeiro de 2003.—Redação da MR

PERMITA-ME estruturar o diálogo oferecendo algumas observações sobre a região. Antes de mais nada, sou um soldado — não um acadêmico. Sou um soldado — não um diplomata. Mas, na minha profissão, compreendo que devo ser um pouco de cada. Como um soldado que tem visto a guerra em primeiro plano, vejo-a de forma realista. Sei o quão dolorosa e emotiva ela é. Lembro disso toda vez que visito a Colômbia, quando ressurgem o realismo da guerra. Também sou um americano com aquela característica peculiar do americano que vê um problema e quer logo resolvê-lo. De fato, sente-se compelido a resolvê-lo.

Sou cautelosamente otimista sobre o que vejo na Colômbia, menos otimista sobre outras áreas da região. Sinto grande tristeza quanto reflito na perda de vidas naquele maravilhoso país...

também sinto grande raiva a respeito das mutilações e matanças de civis inocentes e... de tantas crianças... raiva ao ver um povo que sofre brutal e cruel agressão na mão dos narcoterroristas bem financiados que tratam de dividir aquele país.

Caracterizados pelo Departamento de Estado como organizações terroristas, estes grupos criminosos armados — com seus nomes derivados de um fundamento ideológico: Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia — FARC; Exército de Libertação Nacional — ELN; e as Autodefesas Unidas da Colômbia — AUC — conduzem ataques violentos e incessantes para debilitar a segurança e a estabilidade colombiana. São incrivelmente bem financiados devido ao seu envolvimento em quase

todos os aspectos do cultivo e da produção de drogas ilícitas, seqüestros e extorsão.

A ideologia já não é mais a única força que costumava impelir estas organizações. Hoje, elas são motivadas pelo dinheiro e pelo poder e se protegem e se mantêm por meio do tráfico de drogas e do terror. Não me refiro a elas como guerrilha, insur-

O General James Hill, Comandante do Comando Sul dos EUA, Lieutenant General Juan Carlos Salgado, Exército do Chile, Comandante do Componente da Aliança Multinacional e o Brigadier General Remo Butler, Comandante do Comando Sul de Operações Especiais dos EUA.



gentes ou rebeldes. Nem tampouco o faz o Secretário do Estado porque, em suas palavras, isso os idealiza. Não são nada mais que narcoterroristas.

Apesar do progresso na redução da violência, no ano passado mais de 28.000 colombianos foram assassinados — 13 vezes a taxa de mortalidade dos EUA resultante da violência. Mais de 2.900 foram seqüestrados, incluindo muitas crianças, e mais de 450 colombianos perderam suas vidas no ano passado devido a minas — a grande maioria destas colocadas não por militares, mas pelos narcoterroristas. Um milhão e meio de colombianos teve que abandonar os seus lares por causa da guerra. Ocorreram mais ataques terroristas na Colômbia

no ano passado do que em todas as outras nações do mundo combinadas. A violência é tão endêmica que uma companhia colombiana se dedica à distribuição de coletes à prova de bala para crianças. Os acadêmicos e diplomatas podem discutir a respeito da definição dos abusos e violações dos direitos humanos, aplicando-as somente às organizações estatais... mas para os mortos, os aleijados e as vítimas de seqüestro, estas estatísticas formam as verdadeiras violações dos direitos humanos.

Tudo isso está ocorrendo nas nossas Américas... a apenas 3 horas de vôo do meu comando em Miami! Está acontecendo na mais antiga democracia na América Latina, um dos maiores fornecedores de petróleo dos EUA e nosso quinto maior parceiro comercial naquele continente.

De maior gravidade, os narcoterroristas colombianos fornecem quase toda a cocaína e a maior parte da heroína consumida nos EUA. As drogas mataram mais de 19.000 americanos em 2001 e foram indiretamente responsáveis por outras 55.000 mortes, de acordo com o Escritório de Política Nacional do Controle de Drogas (*Office of National Drug Control Policy*). Por definição estatística, isto torna as drogas armas de destruição em massa.



Uma lancha de patrulha navega ao longo do rio Amazonas perto de Iquitos, Peru. O governo peruano recentemente iniciou uma capacitação de forças policiais e navais para combater o tráfico de drogas ao longo do rio e seus afluentes.

Mas a história não termina aí. O narcoterrorismo ameaça a democracia, a estabilidade e a prosperidade de outras nações do hemisfério. O tráfico de drogas gera a violência, fomenta o crime, corrompe as instituições, produz gangues e prejudica as economias fracas e frágeis das novas democracias.

Os traficantes trocam as drogas por armas e serviços nos países de trânsito e estes se tornam consumidores de drogas também. O Brasil é agora o segundo maior consumidor de cocaína do mundo, depois dos EUA.

O narcoterrorismo também abastece os grupos radicais islâmicos associados com o Hamas, o Hezbollah, o Al Gamaa e outros. Estes grupos, operando na área fronteira entre o Paraguai, Argentina, Brasil e em outros locais, como a Ilha Margarita da Venezuela, geram centenas de milhões, senão bilhões, de dólares através do tráfico de drogas e armas com os narcoterroristas. As vendas de drogas e a lavagem de dinheiro apóiam as operações mundiais do terrorismo. Isso é um fato, não apenas especulação.

Os narcoterroristas operam a partir do sul do Panamá, do norte do Equador, do norte peruano, da Bolívia, de porções da Venezuela e da área das três fronteiras — estão envolvidos em seqüestros na Venezuela, no Equador e no Paraguai — estão contrabandeando armas e drogas no Brasil, no Suriname, na Guiana, no México e no Peru. Eles usam as

Soldados da Terceira Brigada do Exército da Colômbia confiscam maconha que se preparam para queimar na Província de Cauca.



mesmas rotas e infra-estrutura para as drogas, armas, contrabando de estrangeiros ilegais e outras atividades ilícitas. Existe um mercado grande e crescente para documentos falsos e ilegais e os narcoterroristas e grupos radicais islâmicos estão mantendo e suprindo esse mercado.

Além das rotas tradicionais de trânsito através da América Central, do México e do Caribe, o norte do

*Ver: Entrevista com o Comandante do Exército da Colômbia, General Jorge Enrique Mora Rangel, na edição do 1º trimestre de 2002 da MR.

Chile tem também se tornado uma importante rota de trânsito ilegal. O Uruguai e o Paraguai estão crescendo como pontos de transbordo para a cocaína produzida na Colômbia, na Bolívia e no Peru.

Os problemas na Colômbia, portanto, não são apenas problemas colombianos. São problemas venezuelanos, brasileiros, equatorianos, chilenos, hondurenos, e haitianos. São problemas nossos.

O que faremos a respeito? Começemos pela Colômbia. Estou no Comando há pouco mais de cinco meses e já viajei seis vezes à

O Secretário de Estado Colin L. Powell durante uma conferência de imprensa no Washington Foreign Center para a mídia estrangeira.



Colômbia. Irei novamente em breve.

Já me encontrei várias vezes com o Presidente Uribe, muitas vezes com o Ministro da Defesa Ramirez e com o Comandante das Forças Armadas, o General Mora*. Fiquei impressionado com a forte determinação e princípios destes líderes. O Presidente Uribe está comprometido em derrotar as forças que procuram destroçar o seu país. Ele tem a determinação e a visão para completar essa tarefa. Ele também sabe que o governo colombiano deve fazer muito mais para vencer. Compreende que não existe só uma solução militar para a crise do governo na Colômbia. Suas ações até agora indicam que ele fala sério.

O objetivo do Presidente Uribe não é o de reduzir a produção da coca e da papoula na Colômbia — é de eliminá-la — e ele tem envolvido a Colômbia em pulverização do cultivo repetidamente, até que não exista mais coca ou papoula. Trata-se de uma tarefa árdua — talvez impossível — mas ele fixou esse objetivo e está impelindo o seu governo nessa direção. O Presidente Uribe tomou medidas para dobrar

O General James Hill, Comandante do Comando Sul dos EUA, visita o Forte Lautaro no Chile no dia 28 de outubro de 2002.



o tamanho de suas Forças Armadas e da polícia. Ele impôs um imposto de guerra sobre o segmento mais rico da sociedade colombiana, implementou medidas contra a corrupção e está levando a luta contra os narcoterroristas a partes da Colômbia onde,

anteriormente, estes estavam livres para planejar, treinar e terrorizar a população.

Em seis meses, o Presidente Uribe fundiu um novo senso de confiança no povo colombiano, e também nos investidores nacionais e internacionais. De acordo com a Embaixada dos EUA em Bogotá, a Colômbia arrecadou mais de um bilhão de dólares com a emissão de títulos de crédito nacionais e internacionais até agosto. O mercado de ações se valorizou em 50% em 2002. Embora ainda estagnada, a economia cresceu mais do que se esperava. Uribe conseguiu a aprovação do Congresso para virtualmente toda a sua ambiciosa agenda legislativa para a reestruturação do Estado.

Acredito que seja justo dizer que, antes do dia 7 de agosto de 2002 — data da posse do Presidente Uribe — estávamos apoiando uma política na Colômbia que refletia

uma grande influência americana. Hoje, apoiamos uma política que é predominantemente colombiana. Essa é uma mudança para melhor porque a guerra na Colômbia só pode ser combatida e vencida pelos



O Presidente-eleito da Colômbia, Alvaro Uribe (à direita), e o Ministro de Finanças da Colômbia Roberto Junguito (à esquerda) em reunião com o Secretário de Defesa Donald H. Rumsfeld no Pentágono no dia 18 de junho de 2002.

colombianos. No entanto, precisam e merecem o apoio da comunidade internacional.

Soldados do Comando Sul dos EUA, pilotos,

marinheiros, fuzileiros navais e elementos da Guarda Costeira, estão ativamente engajados em funções não combatentes junto às Forças Militares da Colômbia. Estamos prestando assistência para tornar sua brigada contra narcóticos, treinada e equipada pelos EUA, mais leve e operacionalmente mais flexível, para que possam combater os narcotraficantes e terroristas em todo o país. Estamos treinando unidades no nordeste colombiano para proteger o seu oleoduto — vital para uma economia saudável, mas que se encontra sob ataque constante das FARC e do ELN. Estamos treinando unidades colombianas ribeirinhas para interditar o enorme volume de tráfico ilícito ao longo dos canais. Estamos expandindo a nossa assistência em planejamento estratégico e operacional e inteligência a unidades selecionadas e a estados-maiores militares colombianos. Trabalhamos continuamente com os militares colombianos no sentido de aprimorar a alocação e o uso dos seus recursos por meio do planejamento e da condução de mais operações conjuntas.

Nossos esforços combinados para assegurar que eles conduzam a si próprios e as suas operações com respeito aos direitos humanos têm resultado em grandes dividendos. A brigada contra narcóticos, treinada pelos EUA, não recebeu nenhuma acusação nos últimos dois anos. Isto é de importância fundamental para responder aos que criticam a Colômbia e para conquistar o apoio do povo colombiano.

Mas não podemos focalizar somente a Colômbia. O Comando Sul certamente não o faz. Estou cada vez mais preocupado sobre a possibilidade de vencer a batalha na Colômbia, mas perder a guerra no resto da região. Os narcoterroristas e as organizações envolvidas no tráfico de drogas têm demonstrado grande flexibilidade em ajustarem as suas operações, táticas e localizações, em reação aos nossos esforços combinados. Se não formos também flexíveis e adaptáveis, ou se não tivermos a mesma capacidade de antecipar e enfrentar esses ajustes, poderemos não estar resolvendo o problema, mas apenas espalhando e transferindo o mesmo para áreas até mais vulneráveis da região.

Felizmente, existe uma crescente, se bem que às vezes relutante, conscientização de que esta ameaça insidiosa e contínua não é mais apenas um problema colombiano. Os líderes estão começando a compreender que precisam trabalhar juntos, de forma até então não cogitada.

Eu tenho conversado e encorajado os líderes militares

da região para desenvolvermos esforços regionais e complementares para enfrentarmos o problema que emana da Colômbia, mas que não se limita a ela.

Tenho falado com estes líderes a respeito da reavaliação dos papéis e missões de suas Forças Armadas para assegurar um enfoque sobre as ameaças relevantes do século XXI, não sobre as do passado.

Isto exigirá que suas Forças Armadas comecem a apoiar e cooperar com as agências de policiamento no combate às drogas e outras ameaças transnacionais. Somente as forças militares têm a organização, a estrutura, a capacidade e o pessoal para enfrentar eficientemente os grupos narcoterroristas sofisticados que violam, cada vez mais, a soberania nacional e procuram desequilibrar nações inteiras.

No Chile, somente os militares têm os recursos para proteger as fronteiras chilenas e as terras no norte do país do tráfico das drogas. No Paraguai, somente os militares podem enfrentar as contínuas violações do espaço aéreo paraguaio que ocorrem com a entrada e saída de drogas no país. No Brasil, somente os mili-

tares podem impedir que os rios brasileiros sejam usados como estradas no transporte de químicos precursores por barcos velozes.

Agora vejam, eu não sugeri a estes líderes regionais que desdobrassem tropas na Colômbia. Não queremos isso. Os colombianos não o querem. Estamos falando em melhorar e prestar assistência à capacidade, à coordenação e à cooperação das nações

vizinhas para protegerem as suas próprias soberanias e fronteiras, para impedir que as drogas saiam da Colômbia, e para impedir que armas, químicos precursores e outros contrabandos, entrem no país.

Portanto, o nosso desafio hoje, não é apenas o combate contra as drogas e o resgate da democracia na Colômbia, mas, é também, impedir que o narcoterrorismo e suas conexões ao terrorismo internacional, armas, drogas e outras ameaças pérfidas se espalhem por toda a região. Não se trata de uma tarefa irrisória nem simples.

O problema não vai se resolver sozinho. Não está acontecendo em alguma terra distante e de difícil acesso. Está aqui, no nosso hemisfério, e afeta cada um de nós, de forma direta, todos os dias. Não nos deixemos enganar. As dores da Colômbia são nossas dores, seu pesadelo, nosso pesadelo — mas o seu triunfo será também nosso. **MR**



O primeiro batalhão antidrogas da Colômbia.